



Corpografias urbanas e infâncias: o lugar habitado como experiência estética em imagens do esporte

Urban corpographies and childhood: the inhabited place as an aesthetic experience in sport images

Corpografías urbanas y infancias: el lugar habitado como experiencia estética en imágenes en el deporte

Victor Barbosa de Oliveira¹

Graduando de Licenciatura em Educação Física na EEFÉ-USP, São Paulo/SP, Brasil

Soraia Chung Saura²

Professora Doutora na EEFÉ-USP, São Paulo/SP, Brasil

Teresa Oliveira Lacerda³

Professora Auxiliar na FADEUP, Porto/PT, Portugal

Recebido em: 18/03/2026.

Aceito em: 22/05/2026.

Resumo

Esporte e infâncias possuem formas de habitar espaço e cidades. O presente trabalho tem como objetivo observar e descrever estas formas. Aqui, pelas lentes da estética do esporte em conexão com a fenomenologia, duas imagens presentes no *World Sports Photography Awards* foram selecionadas por relacionar infâncias, ambiente urbano e movimento humano. O estudo teórico busca refletir sobre a experiência estética convocada na prática esportiva, especialmente quando conectada à experiência das crianças. Como base, utilizamos o conceito de corpografias urbanas, onde o sujeito ressignifica as formas de estar no lugar habitado. As experiências incorporadas da infância, tal como revelada nas imagens, configuram corpografias urbanas que tensionam usos hegemônicos da cidade e ampliam a compreensão da experiência estética pelo esporte.

Palavras-chaves: Estética. Esporte. Infância. Fenomenologia. Movimento.

Abstract

Sports and childhood share ways of inhabiting space and cities. This study aims to observe and describe these ways. Here, through the lens of sports aesthetics in connection with phenomenology, two images from the World Sports Photography Awards were selected for their depiction of childhood, the urban environment, and human movement. The theoretical study seeks to reflect on the aesthetic experience evoked in sports practice, especially when connected to children's experiences. As a basis, we use the concept of urban corpographies, where the subject reinterprets the ways of being in the inhabited space. The embodied experiences of childhood, as revealed

¹ Email: victor.oliveira2211@usp.br.

² Email: soraiacs@usp.br.

³ Email: tlacerda@fade.up.pt.

in the images, constitute urban corpographies that challenge hegemonic uses of the city and broaden the understanding of the aesthetic experience through sport.

Keywords: Aesthetics. Sport. Childhood. Phenomenology. Movement.

Resumen

El deporte y la infancia tienen formas propias de habitar el espacio y las ciudades. El presente trabajo tiene como objetivo observar y describir estas formas. Aquí, a través del prisma de la estética del deporte en relación con la fenomenología, se han seleccionado dos imágenes de los World Sports Photography Awards por su relación entre la infancia, el entorno urbano y el movimiento humano. El estudio teórico pretende reflexionar sobre la experiencia estética evocada en la práctica deportiva, especialmente cuando se vincula con la experiencia de los niños. Como base, utilizamos el concepto de corpografías urbanas, en el que el sujeto reinterpreta las formas de estar en el lugar habitado. Las experiencias incorporadas de la infancia, tal y como se revelan en las imágenes, configuran corpografías urbanas que cuestionan los usos hegemónicos de la ciudad y amplían la comprensión de la experiencia estética a través del deporte.

Palabras clave: Estética. Deporte. Infancia. Fenomenología. Movimiento.

Introdução

Na sociedade contemporânea, a estética nos auxilia a pensar sobre o mundo que habitamos de forma perceptiva. Aqui, entendemos que as infâncias e suas práticas corporais podem colaborar no aguçamento da percepção e reflexão sobre a experiência, importante para assumirmos a nós mesmos e ao mundo de maneira sensível e crítica. Deste modo, a partir da indissociabilidade entre esporte e estética, buscamos observar manifestações esportivas na arte de duas fotografias premiadas, relacionando o espaço, o meio urbano, a experiência estética e as infâncias. Buscamos também inspiração na fenomenologia enquanto abordagem que enfatiza a percepção, a sensibilidade e a corporeidade na relação com as coisas do mundo.

O meio urbano é compreendido aqui como a forma com que pessoas e instituições se organizam de modo cotidiano e coletivo. Reconhecemos a realidade em sua totalidade: tanto em sua concretude quanto em seu vir-a-ser. Nessa perspectiva, Lefebvre (1999), propõe o fenômeno urbano como aquele que se manifesta para além daquilo fisicamente construído e produzido pelo sistema, e que inclui sobretudo o habitar. Este habitar, segundo o autor, seria a busca por significações intersubjetivas na relação com objetos, situações e pessoas. Nestas relações, as pessoas modificam a organização hierárquica social das cidades, ao mesmo tempo que são por elas modificadas.

Os espaços da cidade, assim, podem nos apresentar, a partir de seus elementos, possibilidades, convites, interações, provocações. Quando tais espaços se transformam em lugares habitados, passam a

ser providos de significados, tornando-se parte de nós (Tuan, 1983). Ainda que os espaços existam por si só, é por meio de seu habitar que ganham sentidos e significados. Lugares que habitamos podem tornar-se afetivos, íntimos, parte de nós, de quem somos e de como atuamos no mundo (Ito; Saura; Zimmermann, 2025).

Ao assumir as lentes da cidade a partir do corpo em movimento, mobilizamos especialmente o conceito de corpografias urbanas proposto por Jacques (2008). Segundo a autora, falamos de uma cartografia realizada pelo e no corpo, que traz de modo indissociado memória, espaço, corporeidade e experiência vivida. Jacques demonstra como as corpografias urbanas apresentam-se como um processo de resistência à espetacularização das cidades. Essa espetacularização é o que torna a cidade mais consumível, modelo este dominante em diversas sociedades contemporâneas (Debord, 1997).

A espetacularização das cidades é o processo pelo qual o urbano torna-se um cenário genérico, voltado a uma lógica de revitalização e turismo constante, que perde identidade em favor do consumo. Muitas vezes, esse processo impõe deslocamentos da população para as regiões periféricas da cidade, a gentrificação. Em ritmo acelerado, a cultura local vai dando lugar para grandes construções atrativas ao mercado, como por exemplo *shoppings centers*, parques temáticos, redes de *fast food* e condomínios fechados impregnados de atrativos de lazer. A espetacularização das cidades conta com menor participação popular, e maior participação empresarial, restringindo a experiência cotidiana da cidade a bens e serviços rentáveis (Jacques, 2005). Na cidade-espetáculo os sujeitos transitam entre espaços, sendo que o afeto, a repetição, os encontros tangenciam a cidade de forma secundária. A autora apresenta então o conceito de errâncias urbanas, que por sua fruição, apresentam uma resistência a este processo (Jacques, 2008).

Engenheiros, políticos, urbanistas e outros profissionais definem e sinalizam usos possíveis na e da cidade. Mas é na criação de redes de afeto e na participação corporificada que corpografias urbanas e suas errâncias resistem à lógica hegemônica do espetáculo.

O errante é então aquele que busca o estado de espírito (ou melhor, de corpo) errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações, planificações ou projeções. O errante não vê a cidade somente de cima, em uma representação do tipo mapa, mas a experimenta de dentro, sem necessariamente produzir uma representação qualquer desta experiência além, é claro, das suas corpografias que já estão incorporadas, inscritas em seu próprio corpo (Jacques, 2008, n.p.).

Os lugares são assim, emaranhados de vidas, movimentos, histórias e pessoas. O sensível e a afetividade perpassam a própria experiência estética (Saura; Zimmermann; Lacerda, 2025). No mesmo caminho, interseccionalidades de raça, gênero, idade, classe social e outras, influenciam o modo como a cidade é habitada, do centro à periferia, causando afastamentos, pertencimentos e segregações. Ações governamentais e da iniciativa privada voltadas ao consumo, podem proporcionar um distanciamento do direito à cidade, negando experiências culturais e de lazer (Jacques, 2004).

As práticas corporais e esportivas sofrem historicamente com processos de transformação de bens públicos em produtos de consumo, visando o retorno econômico. O esporte é uma das principais atividades presentes na nossa cultura, sendo considerado um fato social total (Mauss, 2003), passível de ser analisado por diferentes prismas e por uma diversidade de áreas (Saura; Zimmermann, 2016). Assim, a leitura de suas manifestações nos auxilia a compreender o mundo em que vivemos. Todas as sociedades e comunidades, em maior ou menor escala, possuem diferentes expressões do corpo em movimento, jogos e competições em seu cotidiano. Espetacularizar estas práticas, isto é, transformá-las em produtos rentáveis, é ainda buscar enquadrar o corpo como objeto e afirmar um caráter utilitarista e econômico ao movimento. O esporte é, além disso, marcado pelo seu processo de polissemia e repercussão midiática extensa, muito bem explicado por Betti (1998, p. 268), onde as mídias

[...] na ânsia de espetacularizar e vender seus produtos, chama a tudo de "esporte" - uma moeda, forma de pensamento intercambiável, se nos lembrarmos de Prokop. Então, todos querem praticar "esporte", palavra que passa a designar uma diversidade de práticas: escalar uma cachoeira congelada, descer da boca de uma caverna pendurado numa corda, andar de moto por uma trilha na mata (grifos no original).

O esporte, complexo e diverso, tornou-se um produto rentável para o mercado. Mas não somente. O seu caráter polissêmico expande o seu conceito. Sendo assim, pode ser perspectivado enquanto um amplo conjunto de manifestações corporais “[...] em diferentes níveis de regularidade e intensidade, envolvendo diferentes intencionalidades, sentidos e valores para os sujeitos praticantes” (PNUD, 2017, p. 67).

Esse amplo conjunto de manifestações, afeta o modo de viver em diferentes partes do mundo e, recursivamente, os lugares onde se vive (Maguire, 2003). Megaeventos esportivos, por exemplo as Olimpíadas de Barcelona (1992) e do Rio de Janeiro (2016), modificaram estruturas nessas duas grandes

idades, resultando em deslocamentos e remoções, justificadas como necessárias (Paiva; Amaral; Assis, 2021). A capacidade de intervenção do fenômeno esportivo no meio urbano não é, portanto, trivial.

Por outro lado, a complexidade do fenômeno esportivo nos permite observá-lo, para além de elementos de dominação, e ainda como resistência cultural (Bracht, 2005). O esporte pode ser modificado, ressignificado e alterado por grupos socialmente explorados, e contribuir de muitas formas no que tange o acesso a direitos. E no caso específico da cidade, contribuir com a oposição à espetacularização. Portanto, multiplicidade não nos falta em relação ao esporte, pela sua polissemia. É mister notar, no entanto, que em todas estas perspectivas o esporte apresenta valores estéticos (Lacerda, 2018) que se expandem ao considerar a grafia sensível do corpo na cidade.

Diante desse quadro, o presente estudo tem como objetivo observar e descrever - a partir de uma perspectiva de inspiração fenomenológica em diálogo com o campo da estética do esporte - vivências corporais de crianças em contextos urbanos em duas imagens premiadas no *World Sports Photography Awards*⁴.

Tomamos como material empírico essas duas imagens deste torneio internacional de fotografia que ocorre anualmente desde 2020, e premia imagens capturadas em contextos esportivos diversos. Foram selecionadas por relacionar o ambiente físico e a infância em contexto esportivo. O processo de observação e descrição deste material deu-se considerando a metodologia de observação e descrição fenomênica (Miradas, 2019). Inicialmente descrevemos os elementos materiais que compõem a imagem, para em seguida nos debruçarmos sobre elementos narrativos e estéticos que emergem da relação entre corpo, movimento e ambiente.

Enquanto sujeitos, as crianças também experimentam o urbano em errâncias e corpografias. São igualmente afetadas pela lógica da espetacularização e do enquadramento, sofrem com restrições espaciais, com ausência de equipamentos de lazer, cultura e esporte (Meirelles et al., 2022). As crianças, parece, aos poucos deixam de habitar ruas e praças, restritas a espaços pré-determinados e/ou limitados para o lazer (Tschoke; Rechia, 2012). Assim são afastadas de fato, do direito à cidade e tudo o que este direito representa. Nestas duas imagens, elas nos são referência e ponto de partida.

Destas tarefas cuidadosas, desenvolvemos o artigo em três momentos: no primeiro, “do corpo e da experiência estética em corpografias urbanas de infâncias”, relacionamos os conceitos de experiência,

⁴ Disponível em: <https://www.worldsportsphotographyawards.com/>.

estética, corpografias e infâncias. Em seguida, realizamos breves análises das imagens selecionadas e, por fim, apresentamos uma síntese conclusiva. Esperamos que o texto sensibilize corporalmente errâncias em corpografias urbanas, onde o esporte, como a arte, habita e transforma paisagens.

Do corpo e da experiência estética em corpografias urbanas de infâncias

O nosso corpo não é objeto, mas sujeito de percepção. É com um corpo que percebemos e nos relacionamos com o ambiente. Nessa lógica, Merleau-Ponty (2006) indica o “corpo-próprio” como aquele que se apropria intencionalmente da cultura (objetos, pensamentos, modos de relacionar-se, tradições) e que está no ambiente em diálogo, agindo, trazendo sentido e incorporando o lugar onde está em consonância com seus saberes. Deste modo, o corpo é o eixo central da conexão ser-mundo.

Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo [...]. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total. Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade. (Merleau-Ponty, 2006, p. 269).

Independentemente de realizar uma prática corporal em lugar pré-determinado para tal, ou em espaços não específicos, o corpo, de maneira intencional, traz sentido e movimento ao contexto. Portanto, podemos afirmar, em relação ao esporte, que se trata de expressão intencional de habitar o mundo (Surdi; Kunz, 2010). O que importa, nesta direção, não é somente onde a prática acontece, mas também como ela acontece, mediada por sujeitos que orientam as ações. O conceito de se-movimentar busca dar conta dessa intencionalidade, de sujeitos que se movimentam movidos por motivações intrínsecas.

A depender do tempo e constância, habitar o espaço produz intimidade com o ambiente (Ito; Saura; Zimmermann, 2025). Assim, o ambiente não é apenas habitado, passa também a fazer parte dos que o habitam. O esporte resiste precisamente em corpografias, onde praticantes são a sua relação intencional com e no mundo. E não exatamente aquilo que outros delimitaram que esta relação deve ser. Assim, sujeitos oferecem resistências com ressignificações e reinvenções de mundos, enquanto exploradores mesmos de novos lugares. Assim, o esporte é uma possibilidade exímia de pertencimento, de acesso e de relação com e no contexto. Sendo também área privilegiada de conhecimento de si e de outros (Lacerda;

Graça; Pereira, 2014; Saura; Zimmermann; Lacerda, 2025).

A prática esportiva proporciona aprendizados que ficam marcados. Estas experiências produzem efeitos em quem se é, no que se pensa e no que se sente (Larrosa, 2011). A forma como nos relacionamos com aquilo que nos passa é uma forma de compreendermos os outros e a nós mesmos afirmando a experiência vivida no corpo (Nobrega, 2016). Sendo assim, a experiência torna-se parte de quem somos, como um movimento de mudança, novidade e espanto.

Do mesmo modo, a estética perpassa intencionalidade, experiência e afetividades. Nos faz ser quem somos (Marin; Kasper, 2009). A experiência estética assegura então uma possibilidade de abertura e interação com aquilo que nos rodeia. Ao experienciar intencionalmente o mundo por meio do se-movimentar, nos conectamos como fatos indivisíveis, e enquanto seres sencientes-sensíveis. Somos o que somos a partir das experiências estéticas.

No âmbito da estética do esporte, a imagem assume um papel central na compreensão dos valores estéticos, uma vez que permite observar e descrever gestos, movimentos e relações que mobilizam afetos, significados, memórias e a imaginação (Lacerda, 2018). As imagens são ainda recursos, já que instigam o ser, em sua subjetividade e emoções, além de potencializar memórias e desencadear desejos e vontades a partir de sua materialidade (Saura, 2016). O valor estético do esporte pode ser identificado em diferentes categorias estéticas, como as que aqui nomeamos como sendo categorias estéticas sensório-motoras. Esta noção estaria mais ligada à habilidades corporais, como por exemplo, força, velocidade e flexibilidade (Lacerda, 2018). Essas categorias podem ser descritas, experienciadas em diferentes possibilidades de contemplação ou ação no esporte (Lacerda, 2025; Kreft, 2012). Elas contribuem com a ocupação dos corpos no meio urbano. A estética do esporte com seus olhares e valores enaltece a percepção sobre a forma como habitamos os espaços. Relação perceptiva, corpográfica, artística, a estética do esporte na perspectiva fenomênica e imaginal, valoriza o sentir e a intencionalidade. Contribui assim com novos modos de ser, agir e ocupar o espaço urbano. Defende que a cidade seja incorporada em nós e por nós, ao nos movermos no mundo.

As crianças dialogam com o mundo e experimentam o meio urbano de modo estético, com uma especial ênfase na corporeidade e relação dialógica com os lugares. A experiência estética enaltece a relação corpo-esporte-cidade. Ao se-movimentar, crianças criam hábitos e diálogos, elaborando significados/sentidos (Freire, 2005). Espaços tornam-se lugares habitados esteticamente pelas infâncias,

frequentemente com novas atribuições adquiridas.

Além disso, Meirelles, Eckschmidt e Saura (2016), apontam que ao lidar com as infâncias, é mister abdicar de suposições que temos sobre as próprias crianças. Áreas como antropologia da infância e educação, na interface fenomênica, advogam que a criança seja compreendida a partir dela própria. Assumindo o imprevisível e o inusitado, presente também no conceito de errâncias, poderemos trilhar um caminho guiado por esse diálogo relacional. Isso nos torna aprendizes de crianças. O líder indígena Ailton Krenak, reflete:

As crianças, em qualquer cultura, são portadoras de boas novas. Em vez de serem pensadas como embalagens vazias que precisam ser preenchidas, entupidas de informação, deveríamos considerar que dali emerge uma criatividade e uma subjetividade capazes de inventar outros mundos — o que é muito mais interessante do que inventar futuros (Krenak, 2022, p. 51).

Na perspectiva da corporeidade, que indica a presença da intencionalidade na ação, as crianças se propõem a quebrar lógicas dominantes de modo inventivo. O se-movimentar como relação ser-mundo, assim percebendo, sentindo e interagindo no ambiente intencionalmente, constituindo sentidos/significados (Kunz, 2012). Diferentes infâncias vão reexistindo com potencialidades relacionais, ampliando subjetividades e possibilidades de transformação social.

O se-movimentar considera a liberdade expressiva, a espontaneidade, a autonomia e a constante reflexão senciante (Kunz, 2007). Dialoga com a possibilidade de corpografar territórios e questionar dominações do corpo, das infâncias e do modo que habitamos os lugares.

“Katlego Dihoko do município de Sun Valley”, de Marc Aspland, 2010

A felicidade era um lugar estranho:
lá,
os meninos
após a chuva
comiam o arco-íris
e saíam coloridos pela rua
jogando futebol,
o futuro era decidido no par ou ímpar
e o passado
simplesmente
não existia (Vaz, 2007, p. 63).

Figura 1
Katlego Dihoko do município de Sun Valley



Fonte: *World Sports Photography Awards*, 2021.

Era o ano de 2010, copa do mundo de futebol masculino na África do Sul, primeira e única - até o momento - realizada no continente africano. Os fotógrafos britânicos Marc Aspland (*The Times*) e Andy Hooper (*Daily Mail*), estavam no país para a cobertura da competição. Em uma visita não planejada, deslocaram-se para uma pequena cidade do município de Sun Valley, para “conhecer de perto as pessoas de verdade da África.”⁵ Os dois homens brancos foram escoltados por uma equipe de seguranças durante o caminho de ida e volta. Lá, foram recebidos pelo dono de um bar e técnico do time de futebol local, Isaac Seleke, que os levou até o campo onde registraram diversas fotografias com as crianças. O campo estava localizado ao lado de ruas, casas e outros sítios que caracterizam o meio urbano.

A África do Sul passou por diversas transformações que são comuns a um país sede de copa do mundo: construção de estádios, novos comércios, desenvolvimento de projetos locais e outras medidas

⁵ Palavras do próprio Aspland (de tradução livre nossa), neste artigo publicado no *The Times*: <https://www.thetimes.com/travel/destinations/uk-travel/township-children-provide-a-joyful-glimpse-of-the-real-south-africa-vq2qbrbcc6p>. Aqui há também outras fotos do dia em questão.

que contribuíram para a espetacularização de suas cidades. Um evento desta magnitude, atrai turistas, investimentos internos e externos, movimentando, moldando e uniformizando cada vez mais os lugares para a produção de capital (Marchi Júnior et al., 2013).

Os investimentos característicos de megaeventos esportivos, não são neutros. O interesse de certos grupos acaba se sobrepondo ao de outros, sob a égide do desenvolvimento, afetando os já marginalizados (Souza; Marchi Júnior, 2010). No caso da África do Sul, o principal objetivo foi a expansão do mercado africano aos olhos europeus e estadunidenses, alterando um certo imaginário social sobre o continente (Bolsmann, 2010). Portanto, quando Marc, o autor desta foto, diz que vai “conhecer as pessoas de verdade da África”, coloca o imaginário de uma identidade africana em contraponto ao esporte-espetáculo oriundo dos estádios recém construídos. Dois jornalistas britânicos, embora só estejam no país devido à Copa, decidem visitar uma pequena cidade que fica no caminho de um dos estádios da competição, buscando essa identidade africana.

A imagem em questão, é de Katlego Dihoko, defendendo um chute de uma *Jabulani* (bola usada durante aquela copa do mundo), no campo de terra do time local. O corpo de Katlego encontra-se em suspensão no ar, totalmente projetado em direção à bola, num movimento que evidencia uma ocupação ampla do espaço, na qual se percebe coordenação e antecipação na ação. O campo improvisado, obra maior da imaginação infantil, delimitado por traves formadas pelas outras duas crianças, integra-se no ambiente circundante, indicando um uso não especializado do lugar para a prática esportiva.

O futebol constitui-se, inegavelmente, como um dos esportes de maior influência nas vivências socioculturais e no estado de espírito de povos do mundo todo. As experiências futebolísticas não são uniformes, porém conectam adeptos, praticantes, consumidores e espectadores (Graça; Lacerda, 2011). Possui natureza estética que se revela na expressividade, dinâmica, no modo de comunicar sem palavras, de apresentar narrativas e dramas que se desenrolam em campo, jogo após jogo. Do mesmo modo, o futebol expressa valores, cultura e história. Katlego conecta futebol e aspiração metafísica com seu voo de goleiro. Por meio do jogo, somos unidos a Katlego. Imerso e presente, um ser-no-mundo atua na criação e recriação de novas possibilidades de agir, contemplar e perceber o espaço e a nossa própria corporeidade.

Ao observar esta fotografia, é possível compreender a complexidade do gesto realizado por Katlego. A fruição de sua defesa indica exímia organização corporal, hábitos e conhecimentos para

emergir um novo movimento, original e operante. Situado no município de Sun Valley, seu lugar de origem, Katlego parece ter o mundo encarnado, com novas apropriações do ambiente. Em seu se-movimentar, em contexto de jogo, apresenta história, estilo e ancestralidade. Muito mais que o evento ao qual circunda o contexto do registro, o seu ato é um caminho ontológico de existência entre a espetacularização e a participação concreta na cidade, apreendendo em seu corpo-a-corpo as dinâmicas e contingências do tempo e espaço em que vive.

É possível então, realizar a articulação desta imagem com a concepção do que seria o desenvolvimento motor, segundo Felício e Manoel (2024): o processo de tornar o ambiente que ocupamos em espaços de ação, ao qual por meio deles construímos também nossa subjetividade e linguagem corporal. Em outras palavras, o nosso ser e agir. A ocupação dos espaços no desenvolvimento motor se interliga com a experiência estética, uma vez que vivemos com e no ambiente, habitando-o. O desenvolvimento motor não exclui a estética, mas é por ela orientado. Categorias estéticas como imprevisibilidade, plasticidade, transcendência, amplitude, ritmo surgem com o desenrolar do jogo. A imagem de Katlego é assim, mais do que uma defesa, mais do que um momento plástico. Apresenta uma potencialidade. Em pleno espaço urbano, Katlego revela percursos formativos e criativos, um diálogo com o meio, um lugar. Nós nunca nos movimentamos no vazio, há sempre um contexto carregado de sentidos previamente incorporados, capaz de nos auxiliar a imaginar, intuir e deixar fruir.

O campo local de terra não é um cenário genérico, é lugar habitado, constituído pela intencionalidade das crianças que ali jogam. Especificamente Katlego, que com sua defesa, transcende o imaginado, com ampla ocupação de espaço de seu território, reafirmando que “[...]a partir da atualidade da percepção, envolvido por uma intencionalidade, movo-me em direção ao futuro, à criação e à expressão” (Betti et al., 2007, p. 43).

As ações de Katlego e das outras crianças vão além do que se espera. Trazem o espanto. Geram novos significados e sentidos. É o corpo demonstrando ser o ponto de intersecção com o mundo. O que, nessa mesma perspectiva, abre caminhos para a relação de topofilia com o mundo, qual seja, a relação do ser humano com o seu espaço de felicidade, que sustenta diferentes formas de habitação subjetivas e intersubjetivas na sua comunidade, com memórias e imagens (Bachelard, 2008).

“Menino de Chittagong”, de Phillip Brown, 2011

Um fotógrafo-artista me disse outra vez: veja que pinga de sol no couro de um lagarto é

Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 28, Dossiê: Educação Física, Educação e Formação Humana/Artigos, e-52367, 2026.

para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim, um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes (Barros, 2015, p. 125).

Figura 2
Menino de Chittagong



Fonte: *World Sports Photography Awards*, 2021.

Copa do mundo de críquete masculino na Índia, Bangladesh e Sri Lanka, 2011. O fotógrafo australiano Phillip Brown saiu às ruas de Chittagong (Bangladesh) para se aventurar. Encontrou um menino que estava jogando uma bola e, então, começou a fotografá-lo. Depois de um lançamento alto de um colega deste menino, a bola foi parar ao telhado de uma casa e não pôde ser mais retomada. Então, Phillip decidiu comprar uma bola nova aos garotos para que continuassem a jogar. Depois de presenteá-los, “[...] ele logo começou a jogar com ela e eu me posicionei na linha de lançamento e tirei fotos com ele jogando na minha direção. Isto atraiu uma multidão e tanto”³, e “[...] Tudo parecia encaixar-se nesta foto. A bola não obscurece o jogador e as cores da camisa do garoto e a bola fazem com que esses elementos se destaquem. Também é evidente que o menino está se divertindo.”⁶

⁶ Palavras do próprio Philip (de tradução livre nossa), disponível em: https://www.instagram.com/p/DGfDhlcS6D7/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 06

O críquete, oriundo de herança colonial e facilidade de acesso, é um dos principais elementos das identidades nacionais em países tão diversos como a Índia, Bangladesh e Sri Lanka, sendo uma grande razão de encontro (Roberts, 2007; Nair, 2011; Hossain, 2019). Portanto, seria comum vermos cenas parecidas com a da imagem tanto em Chittagong: pessoas a jogar críquete nas ruas, campos, parques, quadras e outros locais ocupados por corpos esportistas. Assim, transparece a identidade de um povo, sua cultura, pois o que intencionalmente realizam com e a partir do corpo denota pertencimento e intimidade àquele lugar (Silva; Zimmermann; Saura, 2020).

Para o críquete se tornar identidade de um país, houve um processo de conformação (ou dominação) de colonizadores, assim como o de apropriação cultural das camadas mais populares dessas localidades. Então, no momento em que estas classes reelaboram de alguma forma práticas que eram antes restritivas a um certo grupo, o esporte pode se transformar em um símbolo nacional (Bracht, 2005). Isso é claro, atrelado a fatores de um projeto político em curso e o que representa aquela prática para aquela sociedade. Um misto, do espetáculo e da resistência.

Esta imagem apresenta um menino em movimento, lançando uma bola em direção a câmera. Ocupa o centro da cena, enquanto um grupo de pessoas o observa atentamente. O seu corpo encontra-se projetado para a frente, com o braço elevado e o olhar concentrado na trajetória do lançamento. O cenário, uma rua de terra batida, é marcado por contrastes como a luz solar que, curiosamente, ilumina somente as crianças da imagem. Além do mais, a oposição entre o dinamismo do menino e o olhar estático dos espectadores capturado por Philip, chama bastante atenção para este local cotidiano, em que a prática corporal emerge de forma improvisada e partilhada, revelando o lugar habitado.

O envolvimento ambiental do menino se revela em seu lançamento em direção à câmera, além da presença de algumas crianças e adultos a observá-lo. O movimento ganha sentido não apenas pela sua execução, mas pelo campo intersubjetivo que o envolve: há um jogo de atenções, expectativas e reconhecimentos que conecta quem age e quem presencia. Dito de outro modo, a maneira como entendemos e nos relacionamos, pelo reconhecimento e presença mútua de si e das coisas do mundo, nos auxilia a compartilhar experiências e singularidades (Merleau-Ponty, 1992). A conexão entre o saber de si e o saber do outro é a nossa ponte para as experiências estéticas coletivas.

O menino, em corpografias urbanas, modifica o ambiente, explora-o, reorganiza-o,

mai. 2025.

Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 28, Dossiê: Educação Física, Educação e Formação Humana/Artigos, e-52367, 2026.

inevitavelmente produzindo cenários de “[...] impacto simbólico, poético, estético, dentro desse jogo que pode perdurar incansavelmente por horas a fio, em experiências numinosas” (Saura, 2014a, p. 172). É notável a presença de categorias estéticas sensório-motoras como equilíbrio dinâmico, harmonia do posicionamento de seu corpo com o lançamento da bola e a amplitude do movimento. Essas categorias estéticas sensório-motoras integram percepção e ação, envolvendo-nos com espanto e maravilhamento. O protagonista se arrisca, busca variabilidades de distância e força no lançamento da bola. Assim nos guia a transcender a situação, cujo final apenas pode ser imaginado. Uma imagem que nos conecta com a história da humanidade, em gestos corporais que contam sobre nós mesmos, sobre o caráter de jogo, de lúdico e de expressão do corpo no mundo (Silva et al., 2025). Assim, nesta imagem, revela-se um universo onde pessoas de diferentes faixas etárias se unem para, além de manifestar a cultura humana, manifestar estruturas intersubjetivas do ser-no-mundo.

Ademais, no se-movimentar, é possível reorganizar a própria relação ser-objeto, ou melhor dizendo, menino-bola (Saura, 2014b; Betti et al., 2007). A questão central desta relação revela um atravessamento intersubjetivo, um certo caráter universal da bola, refazendo sentidos e práticas dependentes ao contexto, demonstrando como essa relação engloba percepções vivenciadas em diferentes partes do mundo. Mais do que lançá-la, movimentar-se permite que o menino se torne cada vez mais um ser que intencionalmente, grafa a sua linguagem corporal no mundo.

A resignificação do menino no lugar habitado, tem duas nuances principais: uma, pela relação que estabelece com os outros e outra, por retratar um jogar inventivo e histórico que parte da sua própria ação corporal. Ação autêntica e espontânea, irrompe de uma experiência que permanecerá ali, na memória corporal do menino e dos espectadores. No que diz respeito à estética, diferentes sentidos são produzidos pelo corpo em movimento, tornando-se assim, um novo logos para o saber. Em uma perspectiva fenomenológica, acessamos novas formas de conhecimento e movimento, portanto, novas formas de ser. Podemos assim dizer que esta imagem pode mostrar a resistência de corpografias urbanas em diferentes contextos. Pelo praticar autêntico e pelo observador autônomo, este momento permanecerá grafado e incorporado em nós e neles: que riem, que olham com espanto para a câmera ou para o menino e/ou que demonstram seriedade naquele momento eternizado pela máquina fotográfica de Philip.

O lugar habitado passa a fazer parte de quem somos. O lugar cria um vínculo simbólico-corporal,

transforma as formas de viver e habitar o urbano e, portanto, altera nossas experiências estéticas. Habitamos os lugares na medida em que incorporamos experiências estéticas subjetivas e intersubjetivas, seja na função de observadores e praticantes, recheados de emoções, sentidos e significados da história humana.

Considerações finais

As breves análises desenvolvidas ao longo deste trabalho buscaram conectar infâncias, lugar habitado, corpografias urbanas e experiência estética no esporte. Além disso, buscavam enaltecer como, ao se-movimentar, é possível resistir em meio ao processo de lógicas hegemônicas de se habitar o urbano, contando com a experiência estética da prática esportiva.

Ao fim e ao cabo, almejamos a possibilidade de alcançar conhecimentos sem tantos pré-conceitos e pré-julgamentos, para quiçá, podermos retornar àquilo que os espaços da cidade convidam, prazerosos e acessíveis a todos. Assim como as intenções dessas crianças nada mais é do que a vinculação entre si e o mundo de modo espantoso, a humanidade que atravessa a experiência estética nos permite experimentar, vivenciar, relembrar, conhecer, fenomenologicamente, as imagens da cultura humana.

O esporte pode assim ser uma atividade sociocultural que questiona contradições e a ordem vigente, conduzindo praticantes e espectadores a refletir de maneira corporal, expressiva, estética e crítica sobre suas condições e modos de viver. Cabe ressaltar que as imagens analisadas foram somente possíveis pelos deslocamentos dos fotógrafos devido aos megaeventos esportivos ao qual abarcavam, seja a copa do mundo de críquete e de futebol masculino, demonstrando que os modos de viver são conectados por redes complexas de relações.

Nas duas imagens analisadas, tornou-se visível a produção de lugares habitados a partir do movimento corporal. Seja no campo de terra batida improvisado, seja na rua que se converte em espaço de jogo, o ambiente urbano emerge como território vivido, continuamente ressignificado por aqueles que o ocupam. O esporte manifesta-se assim, como prática que torna visível a experiência estética, na qual se destacam categorias como imprevisibilidade, amplitude, risco e equilíbrio. Estas categorias não são atributos abstratos, mas dimensões encarnadas na ação de quem realiza o movimento (e também de quem o observa).

A partir da perspectiva de corpografias urbanas, foi possível compreender que os gestos/movimentos não apenas acontecem no espaço, mas inscrevem modos de habitar. Pelo movimento as crianças produzem uma cartografia sensível que convoca memória, aprendizagem e intersubjetividade, evidenciando formas de pertencimento que se constituem na própria prática corporal.

Esperamos que este trabalho que busca realçar potencialidades analíticas da imagem como dispositivo de acesso à experiência estética esportiva, nos torne mais sensíveis aos diferentes significados, sensações, sentimentos e inquietações que essas imagens e a própria prática esportiva pode oferecer, destacando o esporte enquanto fenômeno cultural e ontológico.

Por último, destaca-se que as interpretações apresentadas são situadas e parciais, vinculadas às escolhas teóricas e ao olhar das autorias. Outras leituras são possíveis (e desejáveis), tanto a partir de outros referenciais, como de outros contextos imagéticos. Ainda assim, entende-se que o percurso realizado contribui para aprofundar o debate sobre as infâncias e as suas formas de expressão na cidade, destacando especialmente a experiência estética pelo movimento.

Referências

BACHELARD, Gastón. **A Poética do Espaço**. 5. ed. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARROS, Manoel de. Sobre importâncias. In: BARROS, Manoel de. **O Meu Quintal é Maior do Que o Mundo** - Antologia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. p. 125.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.

BETTI, Mauro; KUNZ, Elenor; ARAÚJO, Lísia C. Gonçalves de; GOMES-DA-SILVA, Eliane. Por uma didática da possibilidade: implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty para a educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 39-53, 2007. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/54>. Acesso em: 07 jan. 2026.

BOLSMANN, Chris. Mexico 1968 and South Africa 2010: Sombreros and *Vuvuzelas* and the Legitimation of Global Sporting Events. **Bulletin of Latin American Research**, Malden (EUA), v. 29, n. 1, p. 93-106, 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1470-9856.2009.00340.x>. Acesso em: 22 abr. 2026.

BRACHT, Valter. Esporte e Hegemonia. In: BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Editora da Unijuí, 2005. p. 61-68.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 8. ed. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FELÍCIO, Pedro Fernando Viana; MANOEL, Edison de Jesus. Ação ética e moral e as sabedorias do corpo: uma contribuição para o voluntariado de ações sustentáveis. In: SILVEIRA, Sérgio; FURTADO, Otávio; GODOI, Daniela; MARTINS, Cristina. (orgs.). **90 Anos da Educação Física Escolar da EEFUESP**. Universidade de São Paulo. Escola de Educação Física e Esporte, 2024. Capítulo XI, p. 215-231. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9788562085024>. Acesso em: 29 nov. 2025.

FREIRE, João Batista. **O jogo: entre o riso e o choro**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GRAÇA, Luísa Gagliardini; LACERDA, Teresa Oliveira. Da estética do desporto à estética do futebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Uberlândia, v. 33, n. 2, p. 427-444, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000200010>. Acesso em: 21 nov. 2025.

HOSSAIN, Adnan. Sexual Nationalism, Masculinity and the Cultural Politics of Cricket in Bangladesh. **Journal of South Asian Studies**, v. 42, n. 4, p. 638-653, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00856401.2019.1607153>. Acesso em: 02 dez. 2025.

ITO, Eric Sioji; SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina. O corpo íntimo: uma relação entre ser e ambiente. In: MARTINS, Constantino Pereira; COSTA, Luísa Ávila. (coords.). **Athletica: Revista de Filosofia do Desporto**. Associação de Filosofia do Desporto em Língua Portuguesa, 2025. p. 103-108. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1YRMwjeChi9R2tOKrtCb9BgXuXF8POfYr/view>. Acesso em: 29 nov. 2025.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas. **Vitruvius (sessão Arquitextos)**, São Paulo, ano 08, 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 13 nov. 2025.

JACQUES, Paola Berenstein. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. **ARQTEXTO**, Porto Alegre, n. 7, p. 16-25, 2005. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/wp-content/uploads/2023/06/7_Paola-Berenstein-Jacques.pdf. Acesso em: 18 abr. 2026.

JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização Urbana Contemporânea. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA** (número especial "Territórios Urbanos e Políticas Culturais"), Salvador, v. 2, p. 23-30, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1684/32131>. Acesso em: 13 nov. 2025.

KREFT, Lev. Sport as a drama. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 39, n. 2, p. 219-234, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00948705.2012.725898>. Acesso em: 02 fev. 2026.

KRENAK, Ailton. O coração no ritmo da terra. In: KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 46-58.

KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino & mudanças**. 3. ed. Ijuí: Editora da Unijuí, 2012.

KUNZ, Elenor. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. I-XIII, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2503>. Acesso em: 07 jan. 2026.

LACERDA, Teresa Oliveira. Da conjunção de categorias estéticas na compreensão do valor estético do desporto: acerca de imprevisibilidade e superação. In: MARTINS, Constantino Pereira; COSTA, Luísa Ávila. (coords.). **Filosofia do Desporto**. Associação de Filosofia do Desporto em Língua Portuguesa, 2025. p. 217-225. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1yTqOtdtB7zJhvOqf3Cw0As1LwsgE04nl/view>. Acesso em: 20 mai. 2026.

LACERDA, Teresa Oliveira. Imagem e valor estético da performance desportiva: Uma análise a partir de imagens fotográficas. In: VILELA, Eugénia; BARROS, Né. (eds.). **Performances no Contemporâneo**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (coleção estética, política e artes), 2018. p. 73-85.

LACERDA, Teresa Oliveira; GRAÇA, Maria Luísa; PEREIRA, Paula Cristina. Fora do corpo não reconheço a densidade da alma: da Educação Física e da relação estética com o mundo. In: MESQUITA, Isabela; BENTO, Jorge. (orgs.). **Professor de Educação Física: fundar e dignificar a profissão**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014. p. 255-273.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>. Acesso em: 17 fev. 2026.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução: Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

MAGUIRE, Joseph. Globalización y creación del Deporte Moderno. **Lecturas: educación física y deportes**, Buenos Aires, n. 67, 2003. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd67/global.htm>. Acesso em: 21 abr. 2026.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley; BOLSMANN, Chris; ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; SOUZA, Juliano de. A copa do mundo FIFA na África do Sul/2010 - Como foi a experiência e o que podemos aprender com ela?. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 711-733, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.37532>. Acesso em: 09 jan. 2026.

MARIN, Andréia Aparecida; KASPER, Kátia Maria. A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano - ambiente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 267-282, 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000200012&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 07 jan. 2026.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314.

MEIRELLES, Renata Dias de Carvalho; ECKSCHMIDT, Sandra; SAURA, Soraia Chung. Olhares por dentro do brincar e jogar, atualizados no corpo em movimento. In: MARIN, Elizara Carolina; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. (orgs.). **Jogos Tradicionais e Educação Física Escolar**, v. 16, n. 1, p. 63-78, 2016. Curitiba: CRV.

MEIRELLES, Renata Dias de Carvalho; ECKSCHMIDT, Sandra; HORNETT, Elisa; LIMAVERDE, Gabriel; MATTOS, Lia; NASCIMENTO, Reinaldo; SAURA, Soraia Chung. A cidade que virou casa: considerações sobre o brincar livre e espontâneo durante o período de isolamento social de 2020. **Movimento**, Porto Alegre, v. 28, p.e28073, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/117179>. Acesso em: 30 abr. 2026.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. Tradução: Carlos Alberto de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 3. ed. Tradução: Artur Gianotti e Armando Mora. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MIRADAS. Direção: Renata Meirelles e Sandra Eckschmidt. Produção: Território do Brincar, Instituto Alana. Brasil, 2019. 31 min.

NAIR, Nisha. Cricket obsession in India: through the lens of identity theory. **Sport in Society**, v. 14, n. 5, p. 569-580, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17430437.2011.574351>. Acesso em: 14 fev. 2026.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, gestos e expressão: notas sobre uma ontologia sensível em Merleau-Ponty. **Pró-posições**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 87-100, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643356>. Acesso em: 26 nov. 2025.

PAIVA, Simone Gonçalves de; AMARAL, Silvia Cristina Franco; ASSIS, Ana Elisa Spaolonzi Queiroz. Os jogos olímpicos e o direito à moradia: Barcelona 92 e Rio de Janeiro 2016. **RUA**, Campinas, v. 27, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.20396/rua.v27i1.8665728>. Acesso em: 21 abr. 2026.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Os muitos sentidos das atividades físicas e esportivas e sua presença no cenário contemporâneo. In: PNUD. **Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas** - Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil. Brasília, DF, 2017. p. 58-91. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/publications/movimento-e-vida-atividades-fisicas-e-esportivas-para-todas-pessoas-relatorio-nacional-de-desenvolvimento-humano-do-brasil-2017>. Acesso em: 13 dez. 2025.

ROBERTS, Michael. Landmarks and Threads in the Cricketing Universe of Sri Lanka. **Sport in Society**, v. 10, n. 1 (Cricket, Race and the 2007 World Cup), p. 120-142, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17430430600989209>. Acesso em: 17 fev. 2026.

SAURA, Soraia Chung. O Cinema, o Corpo e as Imagens Poéticas: Esse Projeto é de Lazer. In: SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina (orgs.). **Cinema e Corpo**. Coleção CINUSP, v. 9. São Paulo: Laços, 2016. p. 209-226. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9788583731320>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SAURA, Soraia Chung. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. **Revista Brasileira De Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 163-175, 2014a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013005000015>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SAURA, Soraia Chung. Sobre bois e bolas. In: SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina (orgs.). **Jogos Tradicionais**. 1ª ed. São Paulo: Laços, 2014b. p. 165-188.

SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina. Educação Corporal na Perspectiva do Lazer. In: FILHO CARREIRA, Daniel; CORREIA, Walter Roberto. (orgs.). **Educação Corporal: entre anúncios e denúncias**, v. 17, n. 1, p. 31-44, 2016. Curitiba: CRV.

SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Cristina; LACERDA, Teresa Oliveira. Entre o lazer e o esporte: saberes aéreos da arqueria indígena e tradicional. **Revista Territorial**, Goiás, v. 14 (dossiê: etnoesporte e jogos indígenas e tradicionais), p. 133-162, 2025. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/territorial/article/view/16690>. Acesso em: 18 nov. 2025.

SILVA, Chrystian; FERNANDES, Bruno; SILVA, Luiz; BEZERRA, Judson; NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. Da corporeidade e do movimento próprio: diálogos com Merleau-Ponty e Buytendijk. **Pró-posições**, Campinas, v. 36, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2024-0076BR>. Acesso em: 26 nov. 2025.

SILVA, Daniel Cobra; ZIMMERMANN, Ana Cristina; SAURA, Soraia Chung. O mar e o caçara: a corrida de canoas como jogo tradicional e fortalecimento identitário. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01-21, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e72453>. Acesso em: 18 nov. 2025.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Os "legados" dos megaeventos esportivos no Brasil: algumas notas e reflexões. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 34, p. 245-255, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/17115>. Acesso em: 23 abr. 2026.

SURDI, Aguinaldo César; KUNZ, Elenor. Fenomenologia, movimento humano e a educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 263-290, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.16075>. Acesso em: 21 nov. 2025.

TSCHOKE, Aline; RECHIA, Simone. O lazer das crianças no bairro Uberaba em Curitiba: a dialética entre os espaços de lazer e a problemática urbana na periferia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Uberlândia, v. 34, n. 2, p. 263-280, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892012000200002>. Acesso em: 05 jan. 2026.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VAZ, Sérgio. Felicidade (era um lugar...). In: VAZ, Sérgio. **O Colecionador de Pedras**. São Paulo: Global Editora, 2007. p. 63.

WORLD SPORTS PHOTOGRAPHY AWARDS. **Chittagong Boy**. 2021 (originalmente fotografada em 2011). Autor: Phillip Brown. Disponível em: <https://www.worldsportsphotographyawards.com/per-category/2021/cricket-21>. Acesso em: 04 mai. 2025.

WORLD SPORTS PHOTOGRAPHY AWARDS. **Katlego Dihoko of Sun Valley Township**. 2021 (originalmente fotografada em 2010). Autor: Marc Aspland. Disponível em:

<https://www.worldsportsphotographyawards.com/per-category/2021/football-21>. Acesso em: 04 mai. 2025.

Revisão de língua portuguesa e de normas da ABNT realizada por: Soraia Chung Saura.

Revisão do abstract realizada por: Alexandre Diniz da Costa.

Revisão do resumen realizada por: Lucila Carneiro Guadalupe.